

# O campeonato nacional de xadrez e a personalidade dos jogadores

**N**ÃO obstante o desenvolvimento progressivo da modalidade, persistem, aparentemente insolúveis, os problemas da regularidade e orgânica do Campeonato de Portugal.

Tais problemas podem não afectar grandemente a boa marcha da prova, mas indubitavelmente o seu prestígio sofre com esta falta de método. O «caso» de Braumann, que está intimamente ligado às disposições da orgânica do torneio, urge solucionar-se. Mais: impõe-se cuidadosa revisão dos regulamentos, alterando-os, se preciso for. A realização do campeonato corresponderá então à importância que deve ter.

O torneio que ontem se iniciou é, a bem dizer, a 5.ª edição da prova. Vários factores contribuem para o rodear de interesse inédito, dissimulando assim as deficiências que existe ainda, e que oportunamente apontaremos.

Tem a valorizá-lo, em primeiro lugar, a participação do jovem campeão português, que apesar de não contar mais de 15 anos de idade e pouco mais de 3 de tabuleiro, bateu os seus mais destacados contrários e conquistou o título de campeão do Porto.

O elenco do torneio, que continua a ser rigorosamente seleccionado, apresenta este ano a seguinte constituição: Carlos Pires, Gabriel Russel, dr. Gabriel Ribeiro, Francisco Lupi, João Mário Ribeiro e Peter Braumann. Este último limita-se a concorrer na sua qualidade de Mestre da nossa Federação, pois não pode disputar o título, visto não ser de nacionalidade portuguesa.

Braumann, Pires e Lupi constituem o trio mais homogêneo que poderíamos formar. A luta que travarão entre si deve ser digna de ver-se, principalmente a que Lupi sustentará contra Pires — sem dúvida os favoritos da prova.

Qualquer deles têm já as carreiras repletas de inúmeros triunfos: Carlos Pires, que desde muito novo se dedica ao xadrez, venceu em 1936 o Campeonato de Lisboa, facto que lhe proporcionou o título de Mestre, obtido no ano seguinte com a primeira classificação do Torneio de Mestres; em 1941 ganhou o «Torneio de Verão» e, finalmente, em 1942, conquistou o título de campeão nacional — justo prémio de um belo esforço.

Francisco Lupi obteve em 1938 os galardões das três categorias do Grupo de Xadrez de Lisboa e manteve o título máximo daquela colectividade até 1943 — data em que Rui Nascimento lho arrebatou. Foi momentânea essa fraqueza: dois meses volvidos é campeão de Lisboa e candidato a Mestre — título que merece, incontestavelmente.

As características dos dois brilhantes xadrezistas são consideravelmente diferentes. O estilo de Carlos Pires é profundo mas sóbrio

— a calma é a qualidade predominante e, por conseguinte, o jogo é seguro e de resultados mais práticos. Lupi, mais novo, é porventura um estilista mais enérgico. A base do seu jogo constitui o ataque e a combinação. Queremos contudo acreditar que o seu estilo está sendo enriquecido por uma noção mais nítida do «jogo posicional» — o que tornará a sua classe verdadeiramente temível. Se de facto o jovem campeão lisboeta lograr conduzir as jogadas com espírito de concepção mais ampla da Partida, estamos certos que conseguirá ascender sobre Carlos Pires.

As características do jogo de Peter Braumann assemelham-se um tanto às de Francisco Lupi, mas nas concepções da teoria das aberturas diferem. Braumann é mais fantasista; aos sistemas superiormente divulgados prefere aberturas pouco exploradas, valendo-se deste trunfo para abalar o moral do adversário, propondo-lhe linhas de jogo para ele desconhecidas, e, por isso mesmo, perigosas. Ora esta tática poderá conseguir muitos êxitos, mas também é susceptível de fracassar ingloriamente, principalmente quando o antagonista é decidido e não receia os «mistérios» de tais variantes...

Deve acentuar-se que Braumann não é só um estilista; possui intuição que fazem dele um dos nossos melhores jogadores de xadrez. A sua carreira é curta mas está já assinalada com magníficas vitórias, como as do campeonato do Instituto Superior Técnico, 1938/40; Campeonato de Lisboa, 1941; e Torneio de Mestres, em 1942.

Os restantes competidores — dr. Gabriel Ribeiro, João Mário Ribeiro e Gabriel Russel — foram outro trio igualmente homogêneo, mas que supomos não ser tão forte como aquele a que já nos referimos.

A inscrição do dr. Ribeiro, que há muito não víamos em actividade por motivo de doença, é aceite com viva simpatia por parte daqueles a quem foi já dado admirar a sua extraordinária intuição, que lhe valeu grandes triunfos, como por exemplo no «Torneio da Páscoa, 1937», Campeonato de Lisboa e o «Torneio de Verão», em 1938.

Gabriel Russel é o único competidor que defrontou já o jovem campeão português. Da primeira vez que se encontraram (II Porto-Lisboa, 1943), João Mário levou a melhor pelo «score» pouco expressivo de 1 1/2 a 1/2. A carreira de Russel é longa mas quasi desconhecida, pois o apogeu da sua força coincidiu com o tempo em que o xadrez tinha menor movimentação. Em 1933, Russel classificou-se em 2.º lugar num importante torneio, do qual participaram os maiores valores contemporâneos — facto que lhe valeu a promoção a Mestre. O seu comportamento é bastante irregular, com boas e más classificações, como sucedeu nos «Torneios de Verão», em 1939 e 1942, nos quais ganhou os primeiros prémios.

Sobre João Mário pouco sabemos, tão curta se apresenta a sua carreira. A entrevista que concedeu há pouco à «Stadium» salienta uma particularidade: iniciou-se aos 11 anos e aos 14 é campeão. O salto foi demasiado brusco, talvez, e as consequências mais presumíveis não são de molde a garantir-nos comportamento à altura das possibilidades que certos admiradores, pouco realistas, não hesitam em conferir-lhe. Mas uma coisa é certa: tem valor, muito valor, incontestavelmente.

Aguardemos a conclusão do campeonato agora em curso para então nos pronunciarmos sobre as exhibições deste valoroso conjunto.

VASCO C. SANTOS

## Dr. Fernando da Cruz Ferreira

Após prolongada ausência, encontra-se de novo em Lisboa o nosso querido amigo dr. Fernando da Cruz Ferreira, médico distinto e desportista de real valor, que honrou «Stadium» várias vezes com a sua colaboração. Congratulando-nos pelo seu regresso, apresentamos-lhe os nossos sinceros votos de felicidades.

No bom caminho, finalmente!

## VAI FUNDAR-SE A ASSOCIAÇÃO DE LUTA DE LISBOA

**M**UITA tinta gastámos a falar da luta greco-romana, quer nas colunas desta revista, quer pela rádio. Não damos felizmente, por mal empregado o tempo. Tudo se vai harmonizar, sob o signo do «novo»!

Em números anteriores da «Stadium», dissemos da nossa intenção em promover uma reunião de clubes, com o fim de estudar a maneira de fazer ressurgir o boníssimo desporto.

É natural que os nossos leitores tenham estranhado o silêncio subsequente. Mas o caso explica-se. Soubemos que os clubes praticantes da modalidade tinham sido convocados pela Federação Portuguesa, representada pelos srs. Vasco Ribeiro e Franklin Pereira, respectivamente presidente e secretário-geral, para uma reunião destinada a tratar do futuro da luta. Logicamente, aguardámos. Ninguém melhor e com mais direitos do que a Federação se deveria ocupar do magno problema. E que procedemos em conformidade com o bom senso, provamos os factos que se seguiram. Assim, podemos anunciar que vai fundar-se a Associação de Luta de Lisboa e que a Federação se extingue. Por quê? O Decreto-Lei n.º 32.241, de 5 de Setembro de 1942, determina no artigo 21.º: «Os clubes desportivos podem agrupar-se em associações e estas em federações, constituindo hierarquias próprias em cada modalidade desportiva. § 1.º — Não poderão constituir-se em associação menos de três clubes, mas poderá haver federação de duas associações». Saltamos ainda ao § 3.º: «As federações e associações, ou organismos equivalentes existentes à data da publicação deste regulamento, que não satisfizeram ao mínimo fixado no § 1.º, devem reorganizar-se dentro do prazo de doze meses; se o não fizerem, considerar-se-ão dissolvidas, revertendo os seus bens em favor de instituições desportivas indicadas em assembleia geral, ou, na sua falta, das designadas pelo ministro da Educação Nacional.»

Vejam, portanto: pode haver associação, porque existem mais de três clubes praticantes da luta. Não pode existir federação, porque só Lisboa, infelizmente, consegue satisfazer o exigido no parágrafo primeiro do artigo 21.º. Como o organismo existente à data da publicação do Decreto era a Federação, que havia quasi quatro anos não dava acôrdo de si, houve finalmente que, permitam-se-nos a expressão, tocar a reúnir, para escapar ao determinado no citado parágrafo terceiro.

No Ateneu Comercial de Lisboa efectuouse, pois, uma reunião, da qual saíu nomeada uma comissão, composta pelos delegados do Lisboa Gimnásio, Ateneu e Sport Clube do Intendente, com o encargo de elaborar o projecto dos estatutos da futura Associação de Luta de Lisboa, que ficará portanto a substituir a Federação Portuguesa de Atletica e Luta.

A referida comissão desempenhou-se já do seu mandato, devendo ter-se realizado outra reunião para discutir a redacção daqueles estatutos.

Vai entrar-se em franca actividade. E podemos assinalar com júbilo o regresso do Gimnásio Clube Português à prática da modalidade, da qual incompreensivelmente se havia alheado. Serão considerados fundadores da A. L. L. o Lisboa Gimnásio, Gimnásio Clube, Ateneu Comercial, Sport Clube do Intendente e Grupo Desportivo dos Tabacos.

Logo após a aprovação dos estatutos pela Direcção Geral dos Desportos, respectiva instalação do novo organismo e eleição dos corpos gerentes, proceder-se-á, em cerimónia especial, à distribuição dos prémios dos campeonatos de há quatro e cinco anos e realizar-se-ão competições dotadas com os seguintes prémios: «Vasco Ribeiro», uma só prova, e outra englobando as taças «Gimnásio Clube Português», «Ateneu Comercial de Lisboa» e «Lisboa Gimnásio Clube».

E por hoje é tudo — que muito é já, chegando para nos congratularmos pelo ressurgimento do belo desporto que é a luta.

D. L. M.

## LUGAR AOS NOVOS

(Conclusão da pág. 3)

em 1943, a qualidade da esgrima praticada não foi má. Sei que há valores e isso não admira, porque possuímos excelentes mestres de armas.

«Os esgrimistas antigos já «duraram» bastante. Venham os novos! Dêmos-lhe ocasião de se evidenciarem!»

«Ao passado brilhante, mercê do qual o nosso País se impôs no conceito universal, deve suceder um futuro ainda melhor. A proeza não me parece difícil. Basta ir buscar os valores onde quer que eles se encontrem, agrupá-los, dirigi-los no bom caminho, fazer o possível por lhes facilitar a tarefa!»

«É necessário conseguir também completo entendimento entre as salas. A Federação deverá organizar provas em moldes modernos, mais interessantes, difundir o gosto pela esgrima em todo o País e adquirir material.

«Mas aquilo que sobretudo se impõe — é a mobilização de valores. E de gente nova. Lugar aos novos!»

Assim findou o sr. Mário de Noronha as suas judiciosas considerações.

REINALDO MONTEIRO



# CAMPEONATO NACIONAL DE XADREZ

## Primeiras impressões

NUMA das nossas últimas crónicas ensaiámos um pequeno estudo acerca da classe e possibilidades dos jogadores que disputam o Campeonato de Portugal, tomando por base as respectivas actuações nas mais recentes provas da modalidade. Apreciando o valor global daqueles xadrezistas, a homogeneidade destes pareceu-nos, de certo modo, relativa; não nos repugnaria, então, a hipótese verossímil de se dividirem os competidores em dois núcleos distintos que, consoante os créditos já firmados, disputariam, entre si, os primeiros e os últimos lugares.

Tal não aconteceu — e metade da prova já lá vai! A que atribuir o facto de não se confirmarem as nossas previsões, que, modestia à parte, tão bem aceites foram nos círculos da especialidade?

A forma pouco regular de dois dos nossos melhores «ases» — Lupi e, principalmente, o dr. Braumann — ao passo que João M. Ribeiro e o dr. Gabriel Ribeiro se portaram de modo a excederem as melhores perspectivas, são provavelmente as causas deste equilíbrio de forças, tão absoluto como inesperado. Contrariamente ao que se poderia supor, esta homogeneidade forçada não tem acarretado, na generalidade, baixa sensível no nível técnico das exhibições. Exceptuando raros casos, a qualidade do jogo produzido tem sido do melhor quilate, sendo de notar a frequência com que se prolongam muitas das partidas até à fase do Final, o que, por não ser muito vulgar nos torneios nacionais, atesta bem o nívelamento a que já nos referimos.

De facto, ao fim da primeira volta a diferença existente entre o primeiro e o último classificado é apenas de 2 pontos, como se poderá verificar na seguinte tabela:

Carlos Pires: 3,5 (2,5); dr. G. Ribeiro e João M. Ribeiro: 3 (2); Francisco Lupi: 2 (2); G. Russell: 2 (1,5); dr. P. Braumann: 1,5 (0). Indica-se entre parêntesis a pontuação para o campeonato propriamente dito, excluindo-se os resultados do dr. Peter Braumann, que, por ser estrangeiro, não disputa o título.

Por aqui se vê a renhida luta que se desenrolará para o título máximo, pois o «leader» passou a 2.ª volta apenas com meio ponto de vantagem sobre um grupo de três jogadores!

A actuação do campeão nacional na 1.ª volta não pode classificar-se de brilhante: as suas vitórias sobre João Mário e Peter Braumann são algo discutíveis, não tanto pela técnica em si, que foi satisfatória, mas pela grande influência que o «controlo» teve nos resultados. Contudo, os jogos contra Russel e dr. Ribeiro

podem considerar-se — normais e no conjunto justifica-se a sua posição.

Mas é para João Mário Ribeiro, o jovem campeão nortenho, que vão todas as honras do torneio. A sua classe é extraordinária, principalmente se atendermos ao facto de contar apenas 14 anos de idade e pouco mais de 3 de prática de tabuleiro. Tendo vencido em elevado estilo F. Lupi, titular lisboeta, e o mestre P. Braumann, e suportado bem a força dos mestres Carlos Pires e G. Russel, empatando com este último uma partida em que dominou taticamente, o simpático xadrezista português afirma-se desde já como dos melhores elementos do nosso florescente Xadrez.

Gabriel Ribeiro e G. Russel, mestres da F. P. X., são ainda hoje adversários extremamente difíceis para a moderna geração, essencialmente «livresca». Admitimos que exista certa afinidade nas características do estilo de ambos, embora Ribeiro se mostre mais «criador» — e Russel cauteloso em demasia.

Francisco Lupi começou mal, mas nas últimas sessões parece ter recuperado grande parte da sua antiga forma. Pelo menos assim o faz crer a bela partida que sustentou contra Russel. É evidente que acusa ainda os efeitos da grave doença que há poucos meses o atacou, e que só o seu carácter voluntarioso consegue superar.

O dr. Peter Braumann não está, decididamente, na melhor forma. A sua posição na cauda da classificação surpreende, pois consideramo-la bastante fraca para um jogador da sua classe. Atenuantes: o esforço que provavelmente foi obrigado a dispendir para concluir a sua formatura e o pouco interesse que a impossibilidade de disputar o título lhe deve acarretar.

Todavia, é de crer que na nova fase da prova consiga obter classificação que se harmonize com o lugar que disfruta no meio escaquístico português.

VASCO C. SANTOS

## Acontecimentos da semana

**CORPORATIVISMO** — A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho procedeu à distribuição dos prémios dos campeonatos corporativos de 1943, sendo contemplados cerca de duas centenas de atletas. Presidiu à cerimónia o sr. dr. Manuel de Mesquita, director do pelouro da Educação Física e Desportos.

**CROSS-COUNTRY** — O Benfica fez disputar mais uma prova de curta-matada entre sócios e simpatizantes, ganha por Oliveira e Silva em 8 m. 27 s. (3.000 metros), seguido por César de Jesus e Diamantino Valente.

— Francisco Rodrigues venceu uma prova de 3.700 metros (11 m. 18 s. 3/4) disputada em Carcavelos. Classificaram-se a seguir: Cândido Pinto e José Costa.

**FUTEBOL** — Principais disputas do campeonato de juniores da A. F. L., com os resultados seguintes: Benfica-Marítimo, 10-0; Belenenses-Atlético, 3-1; Sporting-Fórfios, 3-1.

— No torneio de reservas, para a taça «Artur José Pereira», Atlético venceu Operário por 6-1, Benfica derrotou Cielas por 2-1; Unidos batem Belenenses por 1-0 e o Estoril Praia ganhou ao Sporting por 2-1.

— Com entusiasmo idêntico das arrendas anteriores, prosseguiu o campeonato corporativo da F. N. A. T. Resultados mais importantes: Empresa Nacional da Publicidade («Diário de Notícias»)-Papeliaria Fernandes, 2-2; Oficinas de Material de Engenharia-Administração do Porto de Lisboa, 1-1; Fábrica de Loças de Sacavém-C. R. das Moagens de Ramal, 4-0.

**HIPISMO** — Na segunda reunião da temporada, no Jockey Clube, registaram-se vitórias de José Morais, no «Palentes», e Barros e Cunha, montando o «Jacoso».

**HOCKEY EM PATINS** — O Faço de Arcos H. C. promoveu um sério de homenagem aos seus jogadores, campeões de Lisboa em 1943, nas três categorias, procedendo à distribuição de medalhas comemorativas do acontecimento.

**TENIS** — Manuel Lall e Vasco Guimarães ganharam as taças «Vasconcelos e Sá» e «Dr. Afonso Costa», em torneios promovidos pelo Internacional nos seus esportes de Estoril.

**TIRO AO ALVO** — Na última sessão da prova «Maria Manuela Mendes Leite», organização do Benfica, obteve melhor pontuação (402 e 397 pontos, respectivamente) Ester Loureiro e Maria José de Almeida.

**VELA** — No A. C. P. efectuou-se, com grande concorrência de velejadores, a cerimónia da distribuição dos prémios das provas promovidas em 1943 pelo Clube Náutico de Portugal, de entre os quais avulta a grande regata oceânica Lisboa-Sesimbra-Sines-Estoril. Presidiu ao acto o sr. Mário da Noronha, estando presente o sr. conde de Cartaxo, despojado da «vilva guarda».

**VOLLEYBALL** — Começou o campeonato da Ala 2 (Lisboa) da «Moçidade Portuguesa».

# HANDBALL

O Unidos tomou a dianteira no campeonato de Lisboa

A FINAL o jogo da incerteza decidiu-se nitidamente. O Unidos, equipa mais completa e mais experiente, afirmou no momento preciso a pontaria dos seus atiradores e presenteou o directo rival de ocasião com dez bolas, quasi tantas como conseguira marcar nos quatro jogos anteriores.

Em contra-partida, o Estoril, encontrando pela frente uma defesa bastante dura e decidida a impôr a sua autoridade, adoptou a pior das táticas — por ser a mais fácil de anular: carrilar todo o jogo para o mesmo homem, o seu mais perigoso rematador.

O resultado favorável ao Unidos vem manter até ao fim da primeira volta toda a expectativa pelo desfecho da competição; vencedor o Estoril, poder-se-ia afirmar que concluiria meio percurso à frente do pelotão, mas, assim, os jogos Belenenses-Sporting e Unidos-Sporting nas duas próximas jornadas conservam todo o interesse de influência para a atribuição provisória da «camisola amarela».

No momento presente, qualquer dos quatro melhor classificados pode aspirar ao campeonato — e cada um deles joga nos seus próprios encontros e nos encontros entre os adversários; para o Belenenses, por exemplo, é indispensável a derrota do Unidos por outro competidor, além da que terá de lhe aplicar.

O grupo dos «azuis», actual campeão de Lisboa, parece refeito da desorientação inicialmente provocada pela saída de alguns titulares indispensáveis e a expressiva vitória que conquistou contra o aguerrido grupo do Benfica alinhando completo, é expressivo sintoma da ascendência recuperada. Será a formação de domingo passado aquela que ao grupo mais convém? As modificações têm sido muitas — Natividade já alinhou a defesa, ao ataque e por último no centro da linha média — mas os resultados dependem de tantas contingências exteriores que é difícil determinar por seu intermédio conclusões comparativas.

É indiscutível que o «handball» lisboeta progrediu esta época — e grande parcela do melhoramento pertence ao trabalho dos árbitros, inglorios pioneiros, a quem apenas se pedem sacrifícios, sem a mínima regalia compensadora. Castigando severamente as faltas para com o adversário, sobretudo aquelas de constantes prisões e choques irregulares, os nossos juizes de campo conseguiram fazer compreender à maioria dos jogadores a necessidade de acção construtiva, a predominância do esforço atacante sobre o sistema abusivamente defensivo.

Há ainda uns tantos que persistem no erro primitivo e para esses é indispensável aplicar ainda maior severidade. Os dirigentes das partidas lembram-se já raras vezes do direito de aplicação de grandes penalidades, mas não ainda tantas quantas as necessárias.

Não somos partidários do critério, que outrora se aplicava na zona portuguesa, de punir com grande penalidade todas as faltas cometidas dentro da área, mas entendemos que justifica o rigor da punição máxima toda a entrada dos defensores que impeça o remate do avançado livre em condições normais, os actos de jogo perigoso e, ao fim de umas tantas repetições, o emprego sistemático da prisão irregular àquém da linha de deslocação.

Outro particular digno de realce na jornada última é a inclusão do encontro Belenenses-Benfica no programa da organização do Campeonato Nacional de Futebol que opunha os mesmos clubes. Trata-se da primeira experiência de um acordo firmado entre as duas federações e a associação regional de «handball», sob o patrocínio da Direcção Geral de Desportos, e destinado a facilitar a propaganda da modalidade.

Lamentemos que a A. H. L. haja decidido interromper o campeonato no domingo do Entrudo, pois a união do jogo Sporting-Belenenses ao desafio de futebol Sporting-Olhansen seria magnífica oportunidade para conseguir assistência numerosa e entusiasta.

ESSECÊ

## Um «caso» a ponderar e a resolver

(Conclusão da pág. 6)

— Mas parece-lhe razoável o desejo manifestado para alargamento da Divisão?

— Absolutamente. De facto, nesta época, com a superioridade do Estoril Praia sobre os outros clubes da 2.ª divisão, o campeonato perdeu interesse. Além disso, os estorilenses têm possibilidades para se afirmarem na categoria principal, o mesmo não sucedendo com os outros clubes seus companheiros de divisão.

— E se o Estoril Praia, por vitória nos jogos de passagem, trocar o seu lugar com o Fofosforos, modificar-se-á a situação?

— Embora o Fofosforos se revele melhor «team» do que os agrupados na 2.ª divisão, talvez não fosse tão nítida a superioridade como a verificada com os estorilenses. O brio desportivo que envolve os clubes do lado oriental da cidade anima extraordinariamente os jogos desses clubes. E a presença do Fofosforos concorreria, por forma especial, para animar esse baírrismo — que tem fornecido tardes magníficas de futebol.

Eis algumas opiniões sensatas e de certo modo curiosas que sobre este «caso» nos fornecem o conhecido dirigente desportivo.

FERNANDO SÁ



## DOIS TORNEIOS NO INTERNACIONAL...

...E DUAS VITÓRIAS DE JOGADORES ALGARVIOS

Os dias primaveris das últimas semanas convidam à prática do tênis. E foi digna de ver-se a actividade registada nos «courts» lisboetas, mormente nos do Internacional e do Sporting.

Nos do primeiro destes clubes disputaram-se dois torneios que serviram para nos revelar que a antiga colectividade das Laranjeiras continua na louvável disposição de movimentar a modalidade, colaborando eficazmente na expansão de que ela tem beneficiado nos últimos tempos.

Destinavam-se as duas provas a jogadores que não tivessem sido classificados na 1.ª e 2.ª categorias da Federação Portuguesa de Lawn-Tennis — portanto capazes de descobrir novos valores e permitir aos clubes certas facilidades para a constituição das suas equipas representativas, num previsto campeonato de Portugal inter-equipas de 3.ª categoria, prova no género da taça «Rodrigo de Castro Pereira» e para a qual os irmãos Nunes dos Santos ofereceram o trufes.

Louvável e simpática a iniciativa do Internacional, que veio a ser valorizada com a presença de dois jogadores algarvios, de quem se pode dizer desde já que «chegaram, viram e venceram»... Referimo-nos a Manuel Lã e Vasco Guimarães, dois jogadores de Faro, que através das suas «exibições» se mostraram dignos de ser incluídos na 2.ª categoria. A sua vinda a Lisboa constituiu mesmo a nota saliente da organização do C. I. F..

## O torneio de «singulares»

A prova de «singulares» reünia inúmeras inscrições... mas também teve muitas faltas de comparecência. Todavia, concluiu a primeira

## UM PEQUENO ESTÁDIO PARA ELVAS!

TIVEMOS ocasião de observar, há pouco, as condições em que vive o desporto na cidade fronteiriça do Caia, nomeadamente o futebol, e parece-nos oportuno sublinhar diversos dos seus aspectos. Com um pouco de atenção e boa vontade de quem de direito, facultar-se-ia o desenvolvimento e unificação de ideias dispersas — e até incompreendidas.

Elvas possui clubes e desportistas que contam considerável falange de adeptos. As suas aspirações, muito legítimas, não são difíceis de solucionar.

O Sport Lisboa e Elvas, sexta filial do popular Benfica, tem especial preponderância no meio. Cerca de 1200 entusiastas constituem a sua população associativa, com uma obra de certo modo interessante, não só sob o ponto de vista desportivo como até sob o aspecto social, a tal ponto que o clube já recebeu o grau de oficial da Ordem da Benemerência. Existem ainda outras colectividades, ansiosas de progresso: o Sporting Elvense e o Clube «Os Elvenses», respectivamente filiais do Sporting Clube de Portugal e do Clube Futebol «Os Benelenses».

Qualquer destes clubes de Elvas não tem campo a lético, onde, à vontade e com orientação integrada em seus princípios, possam alargar a sua esfera de acção, valorizando o desporto da cidade. Assim, um pequeno estádio é o pensamento de todos, a mais forte e justificada aspiração.

Desejo irrealizável? Pretensão estulta e demasiada? Eis duas perguntas a que se podem seguir respostas negativas, principalmente se se atender ao facto de haver já terreno meio desbravado, obra a aproveitar, importante apenas o seu aperfeiçoamento e, como necessidade de maior urgência, a instalação de balneários e a colocação das vedações do rectângulo.

O estádio (?) municipal existente junto das portas da cidade é fácil de aproveitar. As entidades oficiais não deixarão de encarnar este problema, cuja solução se impõe. E tal desejo não é de agora, pois sabemos que tem estado em estudo.

eliminatória, a competição revestiu-se de interesse e regularidade. Na fase inicial só a luta Alfredo Braga-Jaime Quintana merece referência especial, pela boa réplica que o primeiro ofereceu ao seu adversário.

Nos oitavos de final, o encontro Machado Macedo-Manuel Lã, que este jogador ganhou por 6-4 e 7-5, proporcionou ao vencedor uma exibição que excedeu as nossas provisões. Manuel Anadia, que consideramos a revelação da prova, dispôs facilmente de Chaves de Campos (6-0 e 6-0). Melo e Silva encontraram resistência em José Guedes (5-7, 7-5 e 6-2) e Vasco Guimarães não teve de empregar-se a fundo para eliminar M. Nunes dos Santos.

Nos quartos de final, M. Lã venceu dr. Mesquita e Carmo (6-1 e 6-0) e revelou melhor do que no encontro anterior o que vale; Manuel Anadia ofereceu a surpresa de derrotar Melo e Silva (3-6, 6-1 e 6-1); Quintana e Guimarães venceram, respectivamente, Seabra Pinto (7-5 e 6-1) e J. A. Gonçalves (6-2 e 6-3).

Nas meias finais Manuel Anadia devia de frontar Manuel Lã, mas as suas ocupações impediram-no de comparecer; Guimarães venceu Quintana (9-7 e 11-9) fornecendo ambos a melhor luta de toda a prova. Na final, Vasco Guimarães derrotou Manuel Lã (8-2 e 6-3).

## O torneio de pares

A prova de pares-homens, com cerca de uma dezena de formações inscritas, decidiu-se em quatro encontros. Isto quer dizer que o brilhantismo da competição foi gravemente prejudicado pelas muitas faltas de comparecência. Manuel Lã-Vasco Guimarães «viram-se» na final sem ter disputado qualquer encontro. Em compensação, Machado Macedo-J. Quintana tiveram de jogar por três vezes para alcançar a presença no encontro decisivo, proporcionando três animados encontros, nos quais, revelando bom entendimento, venceram com facilidade — contrariando até os prognósticos na sua luta contra Melo e Silva-J. A. Gonçalves. Mas na final cederam inexplicavelmente, permitindo que os jogadores do Algarve se exibissem à vontade, fazendo 6-3 e 6-3.

DRIVE

## ACONTECIMENTOS DA SEMANA

ATLETISMO — Nova organização de «cross-country» promoveu o Benfica entre os seus sócios e simpatizantes, prosseguindo assim na sua campanha de preparação de «crossmen» e de propaganda da modalidade. Nesta reunião venceu Manuel Gomes, com 6 m. 54 s. nos dois quilómetros e meio do percurso, seguido de Francisco Rodrigues, José Araújo, António Nunes, Joaquim Gaspar, Sebastião Costa, Manuel Pires, Armandinho Tavares e de mais dez atletas.

BASKETBALL — Continuou a disputa do campeonato de Sapadores Bombeiros, com os resultados seguintes: Comp.ª de Reforço — 2.ª Comp.ª, 18-12; 1.ª Comp.ª — 2.ª Comp.ª, 17-6. A Companhia de Reforço

Há simplesmente que conciliar certas divergências de critério, conceder determinadas facilidades, a fim de transformar em estádio, por modesto que seja, aquilo que por enquanto nenhuma condição oferece. Existe só o terreno e duas balizas...

Não deve ser difícil. Nomeadamente no Sport Lisboa e Elvas existe gente decidida, cheia de entusiasmo e com provada dedicação pelo desporto. Os seus dirigentes são activos e demonstram sentido prático de iniciativa. A conjugação de esforços com os restantes clubes permitirá, ainda, meter ombros a mais arrojados empreendimentos.

Mas o auxílio oficial é imprescindível, pelo que estamos certos de que não — e fará esperar. O problema sómente exigirá ponderado estudo, posto que conta com a boa vontade comum. Matéria prima e dedicação — não faltam, e hoje o progresso não se coaduna com demoras.

Agitando esta questão despretenciosamente, desejamos ser úteis ao desporto em Elvas. Oxalá sejamos escutados.

J. D.

## Campeonato Nacional de Xadrez

O termo da prova aproxima-se. No momento em que traçamos estas linhas, jogam-se, com emoção, as derradeiras partidas, que devem decidir a atribuição do título máximo.

Baralhando todos os prognósticos, a evolução do torneio único, até agora, a hipótese de um candidato único, e, conseqüentemente, a prova ganhou em expectativa, ante as grandes probabilidades de se registar um desfecho-surpresa pouco prestigiante, cujas repercussões são incalculáveis nos seus efeitos. A possibilidade de Francisco Lupi ganhar o título de campeão nacional, sem possuir o de «Mestre» — visto já não lhe ser possível perazer a percentagem necessária — é um dos factores fundamentais daquele interesse. Acresce o facto de persistir o equilíbrio a que nos referimos no último número, e que aceitamos com grande reserva, por não o considerarmos como bom prenúncio da existência de classe no nosso Xadrez. Sem que houvesse justificação plausível, senão a fraca exibição dos jogadores mais cotados, todos os cinco concorrentes ao Campeonato Nacional encaram ainda, na penúltima (!) jornada, a possibilidade de ascender ao primeiro posto. Mas, a nosso ver, nem todos mereciam tal destaque; muitos dos resultados obtidos foram pouco concludentes: a partida F. Lupi-G. Ribeiro, em que o primeiro evidenciou manifesta superioridade tática, vindo, contudo, a perder, é um exemplo frizante, que reforça a nossa convicção.

Dos restantes assinala-se a ligeira subida de forma de G. Russel, contrastando com a má actuação de P. Braumann, a regularidade de Carlos Pires, porventura a jogar ainda abaixo das suas possibilidades reais.

E, para fechar com chave de ouro, é justo salientar o excelente comportamento do titular nortenho, João Mário Ribeiro, hoje Mestre da Federação Portuguesa de Xadrez, visto ter já conseguido a pontuação requerida. Pelas belas qualidades de jogador e pelo seu já muito saber, o mais jovem mestre português — 14 anos, apenas! — merece indiscutivelmente a elevada categoria obtida.

Classificação na penúltima sessão, indicando-se entre parêntesis a pontuação para o Torneio de Mestres: Carlos Pires e Dr. Gabriel Ribeiro, 4 (6); Gabriel Russell, 3,5 (4); F. Lupi, 3,5 (3,5); J. M. Ribeiro, 3 (5); Dr. P. Braumann, (2,5).

prosegue com vantagem, devendo vir a conquistar o título de campeão da corporação.

CAMPISMO — Aproveitando as férias do Carnaval, o grupo excursionista Caravans Campista de Lisboa promoveu uma «dipressa» à serra da Estrela, onde os seus componentes disputaram várias provas de «ski».

CICLO-TURISMO — Nove componentes da secção do Benfica deslocaram-se para Leiria, por Vila Franca — Cartaxo — Sautarem — Torres Novas e Vila Nova de Ourém, com regresso pelas Caldas da Rainha, Bombarral e Mafra, visitando, nos arredores da cidade do Lis, a quinta das Sardinhas.

FUTEBOL — A equipa do Grémio dos Armazenistas de Vinho conquistou o campeonato nacional corporativo, zona de Lisboa, em 2.ª categoria.

Para o campeonato de jogadores da A. F. L. registaram-se mais os resultados seguintes: Atlético — Casa Pia A. C., 2-0; Unidos — Belenenses, 3-0; Fósforos — Marvilense, 2-1; Sporting — Benfica, 1-1.

Em continuação do torneio de reservas para a taça «Artur José Pereira», verificaram-se estes resultados: Sporting — Atlético, 3-0; Belenenses — Operário, 5-0; Benfica — Unidos, 1-0; Estoril Praia — Chelas, 3-0.

NATAÇÃO — A federação espanhola respondeu à sua congénere portuguesa, marcando a segunda quinzena de Abril para efectivação do Portugal-Espanha, em Barcelona.

TÊNIS — A federação portuguesa chegou o convite para um «match» Portugal-Espanha, a disputar em Sevilha, durante as festas da Primavera.

TIRO AO ALVO — Dionísio Magro ganhou a prova «Maria Manuela Mendes Leite», a 15 tiros, em cada uma das três posições, totalizando 408 pontos (126 de pé, 126 de joelhos e 156 deitado); Guilherme Guedes, 408 pontos também menos 4 de pé; Ester Loureiro, 401; José Mendes Leite Júnior, 397; Godofredo Bravo Dias 396; Maria José de Almeida, 395; Antero Lopes, 394; Manuel Ferreira Borges, 389; Eugénio Maletias, 387; Agostinho Munho 384 e Delfino Silva, 382.

A notar a boa classificação das duas senhoras, especialmente de Ester Loureiro, com um brilhante terceiro lugar, a sete pontos dos dois primeiros.

Efectuaram-se, na carreira «dr. António Martins», do Ateneu Comercial de Lisboa, os desempates da prova «João Pereira da Rosa», A. S. T. n.º (Figueira da Foz) ganhou com 593 pontos, seguindo-se-lhe: Ateneu Comercial 587; e S. T. a. (Lisboa), 580.



## CARLOS PIRES mantém-se na posse do título de Campeão de Portugal

COM a realização deste importante torneio foi possível fazer-se já uma ideia do muito que a vitalidade do Xadrez desportivo p. de proporcionar, quando explorada com perfeito conhecimento de causa.

Deu-se, realmente, desta vez, um grande passo na propagação da modalidade. Jogadores, público e imprensa contribuíram para que o campeonato nacional de Xadrez tivesse larga repercussão.

Imensos problemas, porém, carecem ainda de ser resolvidos. Apontam-se, em ligeira resenha, alguns que nos parecem de capital importância, como a remodelação da organica da prova, a necessidade de se estabelecer contacto directo com a Imprensa e o facto das instalações onde se efectuam as partidas não corresponderem ao que delas esperam jogadores e público, este cada vez mais numeroso e exigente. Sobre este último caso, lembramos o facto da ventilação natural da sala, quando das «enchentes», ser insuficiente para expulsar a densa nuvem de fumo de inúmeros cigarros, o que de certo em nada concorre para benefício dos jogadores... Quanto ao primeiro problema, ou seja o da melhor forma de disputar a competição máxima portuguesa, suponho suficiente a realização do Torneio dos Mestres com o objectivo de apurar, não o campeão nacional, como até aqui se tem feito, mas o candidato que disputasse depois o título ao detentor actual, num encontro para esse fim. Adoptando-se este critério, que aliás é prevista pelos regulamentos da Federação, julgamos que muito lucraria a modalidade; pelo menos teríamos, no calendário das provas, mais uma a todos os títulos digna da maior atenção.

A classificação final do torneio deu-nos os seguintes números:

1.º Carlos Pires, 7 pontos; 2.º dr. G. Ribeiro, 6,5; 3.º João M. Ribeiro, 5,5; 4.º G. Russell, 5; 5.º F. Lupi, 3,5; 6.º dr. P. Braumann, 2,5.

Nota-se aqui a ausência dos Mestres drs. A. Maria Pires, Mário Machado e João de Moura, antigos campeões nacionais, e do dr. João Maria da Costa, falecido há duas semanas.

Reduziu assim a seis competidores, sendo dois desses candidatos à categoria de Mestre e outro inibido de disputar o título máximo, o elenco foi mesmo assim bem constituído e a luta que travaram entre si tornou-se renhida e equilibrada, sendo de notar a grande percentagem de empates (14 em 30 partidas). No campo da Teoria, o nível foi promissor, mas a qualidade do jogo, porém, vista em conjunto, foi um tanto inferior.

Uma particularidade a destacar no estudo dos estilos em presença: a calma, desta vez, levou nitidamente a melhor contra o dinamismo!

É bem certo: o Xadrez deixa por vezes de ser simplesmente um jogo para ser também autêntica «guerra de nervos»!...

Desde o início da prova, Carlos Pires levou quasi sempre ligeira vantagem sobre os seus mais directos rivais. A luta que se travou pela primeira classificação foi, contudo, bastante dura; só na última sessão se decidiu a «contenda» — e muito bem, digamo-lo com justiça.

De facto, Carlos de Araújo Pires é quem, no momento presente, mais qualidades reúne para deter o título máximo do Xadrez nacional. A sua exibição no torneio findo, em análise profunda, pode não ter sido brilhante, mas foi a melhor de todas — e isso é quanto basta para merecer um campeonato. Dentro do seu estilo de «jogo posicional», jogou como nenhum, sem todavia atingir — e disso estamos certos — a plenitude dos seus recursos. As partidas, de relativo valor sob o ponto de vista tático, acusaram a influência do método do condutor, quanto ao «tempo regulamentar». Carlos Pires é excessivamente meditativo; depois de consumir perto de uma hora nos preliminares da partida,

joga geralmente a última dezena de lances do «controle» com a «seta» do relógio ameaçando decidir a contenda sem mais delongas!...

Pode alegar-se o facto de Carlos Pires não estar ainda completamente curado da sua vista, o que possivelmente inferioriza o seu raio visual. Aceitamo-la como atenuante, mas não como uma justificação lógica deste seu método. Este é um problema que o campeão nacional terá de ponderar, se quiser manter a supremacia que tem sobre os outros xadrezistas.

O dr. Gabriel Ribeiro, que volta de novo às lides xadrezísticas, bateu-se bem e conquistou o 2.º posto — posição um tanto lisonjeira em face da posição real.



CARLOS PIRES

pois metade dos seus jogos tiveram aquele significativo resultado. Todavia, temos de concordar que há perto de 6 anos não tomava parte em competições, o que naturalmente pesou no rendimento dos seus recursos.

O 3.º lugar foi obtido, com mérito absoluto, pelo jovem titular nortenho, João Mário Ribeiro, a maior revelação dos últimos tempos. Sendo a segunda vez que participa em competições desta natureza, a sua actuação excedeu o que esperávamos. O ingresso no elenco efectivo dos Mestres é o justo prémio do seu belo esforço e tem a justificação a mestria de que deu provas, em todos capítulos da partida, apenas com um ligeiríssimo «senão» no Final, dado que é nessa fase que mais se reflecte o factor «experiência». De modo geral, João Ribeiro mostrou-se muito subtil no ataque; o estilo, contudo, manifesta expressiva tendência para o jogo de posição, o que torna a sua classe ainda mais admirável. No entanto, é a abertura que parece ser o seu forte, em relação aos xadrezistas lisboetas. Lembramos, a propósito, o seu primeiro jogo contra Lupi (vide «Stadium» n.º 62) e depois contra Carlos Pires e Peter Braumann, na 2.ª volta — partidas em que provou incontestável competência nesta complexa parte do Xadrez. Oxalá os jogadores da capital, agora estimulados pelo exemplo do jovem portuense, se dignem finalmente olhar com mais consideração para os princípios teóricos da abertura — complemento imprescindível para um xadrezista de categoria... e de responsabilidade!...

Gabriel Russell, o mais antigo mestre inscrito, conseguiu uma classificação que se ajusta às suas possibilidades actuais. Mais não pode aspirar, simplesmente porque a passividade do seu jogo não permitiria tal ascensão. A subida de forma, a que aludimos no último número, é em grande parte devida ao aperfeiçoamento, ainda que ligeiro, com que Russell

## CRÍTICAS E CRITICADOS UMA CARTA

DE um nosso distinto colaborador, que usa assinar «E. & C.» e é um técnico conciliado em assuntos de desporto e particularmente de hipismo, recebemos a carta que publicamos a seguir e que traduz também, com exactidão, a nossa maneira de pensar:

Meu caro amigo: Ando agora muito agitado o problema das críticas e dos criticados... Ora o acaso fez chegar às minhas mãos um exemplar de uma revista técnica, na qual, se bem me parece, encontro possíveis referências aos comentários que, da minha autoria, a Stadium publicou acerca do Concurso Hípico de Lisboa de 1943.

Se o espaço de que V. dispõe o permite, muito grato lhe ficarei pela publicação desta carta, na qual, despretenciosamente, e sem pretender dar lições ou explicações ao autor do artigo em que supponho encontrar a alusão a que me reportei, venho dizer o que penso sobre críticas d'esportivas.

As críticas são feitas segundo a maneira como quem as faz analisa e aprecia os factos a que se refere, e, desde que sejam correctas, tudo é permitido dizer; não haverá jamais razão para que qualquer desportista se melindre pelo facto do crítico discordar da sua actuação nesta ou naquela prova. Não quero significar com isto que os visados concordem com o que se descreve — podem, evidentemente, discordar — mas repito: não têm o direito de ficarem melindrados desde que não existam afirmações de carácter pejorativo e que o comentário se limite apenas à sua acção como desportistas. A minha experiência de longos anos no desporto leva-me a tirar uma conclusão positiva: só se «sangam» os criticados quando se escreve de acordo com o que todos pensam — mas poucos dizem...

O articulista a que me referi, usando expressões que não imito para manter a «correção» da crítica, sem rebater em nada o que afirmei (se bem que as apreciações sejam livres e, consequentemente, os críticos também estejam sujeitos a elas), reprova o ter-se assinado apenas com iniciais. Posso afirmar que, além do caso ser frequente, existe ainda o motivo de, num meio pequeno como o nosso, ter o crítico algumas vezes a necessidade de se criticar a si próprio — embora este não seja o meu caso — e para dizer

(Conclui na pág 15)

dotou o seu estilo. A pesar de continuar submetido às boas regras da segurança e da prudência, o seu jogo acusou bem os efeitos da concepção mais elevada que manifestou pela Teoria, o que, consequentemente, melhorou o nível técnico das partidas, anteriormente de mediocre valor.

Francisco Lupi, contra as perspectivas gerais, não conseguiu mais do que o modesto 5.º lugar, pondo em cheque os seus créditos como candidato ao título de Mestre. A apreciação do seu jogo torna-se de certo modo delicada, visto ter actuado em condições anormais, sob tremenda depressão, que naturalmente influiu no rendimento das suas faculdades intelectuais. Lupi demonstrou, a nosso ver, alta concepção da abertura e do ataque; não soube, ou não pôde, porém, concretizar positivamente essa superioridade. Faltou-lhe, de modo geral, o sentido prático da partida — o que lhe acarretou a baixa pontuação obtida, insuficiente para ascender à categoria superior.

Por último, temos mais uma classificação surpreendente: a do dr. Peter Braumann, decerto a primeira vez que desempenha papel de «lanterna vermelha»! Foi a sombra de Peter Braumann e não o talentoso xadrezista que, ainda na época passada, bateu todos os Mestres, na edição anterior! Não sabemos bem a que atribuir tão nítida baixa. Sublinhamos aqui, no desejo que lhe incutir o gosto pelo Teoria moderna, a rude prova a que foram submetidos os seus sistemas predilectos de abrir os jogos, nomeadamente a abertura Ponziani e o «ambito de Budapest, ambos jogados contra o habilidoso mestre portuense, João Mário Ribeiro. — certo que lhe foram infligidas algumas derrotas imerecidas, mas, na generalidade, a actuação de Braumann foi péssima, seja qual for o motivo de-te declínio. De resto, o seu interesse pelo torneio deve ser bastante limitado — se é que isto pode servir de atenuante para o modesto comportamento de Mestre Peter Braumann.

VASCO C. SANTOS